

OS QUATRO NOVISSIMOS DE SÃO PAULO

"O Jornal", Rio, 30/4/46

O expressionismo teve sua época. Os nomes de Munch, Marc, Hofer, Grosz, Pechstein, Otto Dix, Nolde, Kokoschka, e tantos outros, até o brasileiro de hoje, Lasar Segall, concorreram naquela notável jornada, só comparável em sua intensidade e profundidade aos "tempos heroicos" de começo do cubismo francês. Pode-se estabelecer uma escala entre a evolução alemã e francesa da renovação plástica. "Der Expressionismus" é uma reação do espírito através das artes plásticas - o "fauvisme" é uma reação dentro das próprias artes plásticas que se diluía no post-impressionismo de Vuillard, ou, que quizerdes um exemplo que permanece até hoje no fragmentarismo luminoso de Bonnaud. O "fauvisme" como sempre o marginalismo artístico é o sismógrafo que antecipava a catástrofe, 1914, no dizer recente de Jorge Romero Brest. André Lhote, escrevendo suas recordações de 1913, menciona os "tempos heroicos" que se seguiram ao aparecimento das ferocidades plásticas de 1905 a 1908. O expressionismo, porém, é a crise dolorida da derrota; é a divergência entre a sensibilidade alemã e o militarismo prussiano, os bigodes do Kaiser. Já se definiu o movimento como um consubstanciador de uma crise de emoção e de espírito. É o trauma na arte, do drama do homem alemão. Os poetas expressionistas cantavam em "revanche" a fraternidade humana, tendo à frente o tombo Franz Werfel, de 1918, cujo canto se dirige ao mundo, ao negro, ao chinês, ao proletário. A pintura, porém, retorcia a linha, esmiuçava a sujeira do mundo, põe em relevo as pedriscos do homem. Olhai - é quase sempre a cena humana, a miséria, a doença, a degradação, e que se espalha nas telas do expressionismo. Movimento tipicamente germânico, só o alemão teria tanto romantismo para alimentá-lo: e expressionismo é um enorme grito de exclamação no panorama das artes plásticas.

Deixou todavia qualidades a se fundirem no conjunto - a fidelidade ao trágico da obra de Rouault é produto do expressionismo alemão até hoje. Porém Rouault...

No Instituto de Arquitetos do Brasil expõem agora "Quatro Novíssimos" de São Paulo, que são Otavio, Sacilotto, Grassmann, Andreatini e há grandes óhs, admirativos, diante da identidade que eles têm com o expressionismo. Na verdade começam daí.

Não há por que descobrir nisse uma personalidade artística, ainda, nêles. O caso de Andreatini merecerá menção, mas, palavra, a bela vem alta demais. O tempo do expressionismo já passou.

Geraldo Ferraz